

HOLANDA, Luisa Severo Buarque de.
Aspectos platônicos do tempo (Platão-Exu).
Anais de Filosofia Clássica 30, 2021. p. 19-34

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

Aspectos platônicos do tempo (Platão-Exu)

Luisa Severo Buarque de Holanda

Professora do Departamento de Filosofia da PUC-Rio

<https://orcid.org/0000-0002-1888-2465>
luisabuarquedeholanda@gmail.com

Recebido: 13 de janeiro de 2021
Aprovado: 30 de março de 2021

DOI: 10.47661/afcl.v15i30.45622



RESUME: Cet article a pour but d'exposer et d'analyser quatre aspects du temps recueillis dans trois contextes platoniciens différents : 1) le récit du personnage Critias au début du *Timée*; 2) la suite du même récit dans le dialogue *Critias*; 3) le soi-disant mythe de Teuth, raconté par Socrate dans le *Fèdre*. Ces quatre aspects du temps seront appelés *répétition*, *dégénérescence*, *effacement* et *discontinuité*. De brèves descriptions de leurs caractéristiques seront faites et, ensuite, des commentaires seront tissés concernant les différentes manières de faire face à un événement, selon chacune de ces modalités temporelles. Pour conclure, le point de vue de l'auteur sera pris, à fin d'ajouter à ces quatre aspects un cinquième, que l'on peut appeler littéraire ou méta-narratif.

MOTS-CLÉS: Aspects temporels; Platon; récit de Critias; *Timée*; *Phèdre*.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo delinear e analisar quatros aspectos do tempo recolhidos em três diferentes contextos platônicos: 1) o relato do personagem Critias no começo do *Timeu*; 2) a continuação desse mesmo relato no diálogo *Critias*; 3) o chamado mito de Teuth, contado por Sócrates no *Fedro*. Esses quatro aspectos do tempo serão chamados de *repetição*, *degeneração*, *apagamento* e *descontinuidade*. Serão feitas breves descrições de suas características e, em seguida, serão tecidos comentários relativos aos distintos modos de encarar um evento, segundo cada uma dessas modalidades temporais. Para concluir, será tomado o ponto de vista autoral para adicionar a esses quatro aspectos um quinto, que pode ser chamado de literário ou meta-narrativo.

PALAVRAS-CHAVE: Aspectos temporais; Platão; relato de Critias; Timeu; Fedro

“Exu matou o pássaro ontem
com a pedra que lançou hoje.”

Provérbio (èwe) iorubá usado como epígrafe
do VIII Simpósio Internacional OUSIA de
Estudos Clássicos “O problema do tempo na
antiguidade”, ocorrido em março de 2021,
para o qual este trabalho foi elaborado¹.

Introdução

“Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim.” (Lispector, 1977, p.11). Um aprendizado sobre a pré-história da pré-história: este é um possível modo de caracterizar aquilo que Sólon ouviu de um velho sacerdote durante sua visita às terras do Egito, segundo o personagem Crítias no *Timeu* de Platão. Refiro-me à narrativa que apresenta o famoso mito de Atlântida. Ela se inicia no começo do *Timeu* - onde uma história sobre o passado dos atenienses e sobre sua guerra contra os Atlantes é narrada -, e

¹Este artigo é fruto de uma pesquisa que efetuei durante meu estágio pós-doutoral em Coimbra (2019/20), sob supervisão da Professora Maria de Fátima Sousa e Silva, e teve como ponto de partida o ‘Conceptual workshop: traces of oblivion’, organizado por Márcia Schüback na Södertöns University, em Estocolmo, em outubro de 2019. Agradeço muito a ambas pelas oportunidades, pela hospitalidade, pela amizade e pelas conversas. Além deste artigo, escrevi dois outros textos em torno do relato de Crítias no *Timeu*, ambos ainda no prelo: *Autoridade narrativa e dialética da memória no Timeu de Platão*; e *Formas de narrar: o relato de Crítias no Timeu, as histórias e a História*. Os três trabalhos se entrecruzam em uma espécie de triangulação, na medida em que possuem um ponto de partida comum. Porém, eles só se sobrepõem em pequenos comentários ou em parcelas das reconstruções dos textos de partida. Cada um volta-se para um eixo temático diferente, a saber: 1. aspectos platônicos do tempo; 2. relato memorial e autoridade narrativa, que utiliza Paul Ricoeur para ler Platão; 3. as histórias e as formas de narrar a História, que utiliza Paul Ricoeur e Jean Godefroy Bidima para ler Platão.

termina no incompleto *Crítias*, a continuação do *Timeu*, onde muitos detalhes sobre as histórias e as geografias de Atenas e de Atlântida são fornecidos. Neste artigo, farei abstração dos contextos onde essa narrativa figura. O que me interessará no relato de *Crítias* são os modelos de descrição de três aspectos do tempo que ele oferece. Procurarei caracterizar e comentar esses modelos, aos quais acrescentarei um quarto, extraído do *Fedro*. Não pretendo com isso chegar a alguma conclusão a respeito dos textos de Platão ou de seus argumentos filosóficos. Gostaria apenas de explorar a riqueza das histórias platônicas selecionadas, no que diz respeito à questão das dimensões temporais. Além disso, proponho comentar os diferentes modos de encarar um acontecimento que sucede no tempo, de acordo com as perspectivas que tais dimensões propiciam. Chamarei esses quatro aspectos do tempo de a) repetição, b) degeneração, c) apagamento e d) descontinuidade.

Repetição

O relato de *Crítias* no *Timeu* se inicia com uma espécie de despertar da memória, acrescido de um exercício prolongado de rememoração por parte do narrador. Ele nos conta que, segundo ouvira de seu avô, o *Crítias* velho, quando tinha apenas dez anos de idade, Sólon (que era parente e amigo de *Drópidas*, seu bisavô), em uma de suas idas ao Egito, havia conversado com um sábio sacerdote, já ancião, detentor de um conhecimento do passado muito mais completo do que o seu. Nessa conversa acontece não apenas um choque de gerações e de saberes, mas também um choque de histórias e de lembranças. O sacerdote narra a Sólon coisas que dizem respeito ao passado da sua cidade Atenas e aos seus ancestrais. Histórias às quais o próprio Sólon nunca tivera acesso, pois seus concidadãos não as haviam conservado na memória.

Segundo conta o sacerdote egípcio ao político ateniense, essa falta de memória da população de Atenas se deve ao fato de que inúmeros

cataclismas destruíram e continuarão destruindo as variadas civilizações (*Timeu*, 22c1). Os atenienses, assim como muitos outros povos, foram vítimas de catástrofes naturais. Entretanto, só guardam a lembrança – e ainda assim em forma de mito (*Timeu*, 23b5)² –, do último cataclisma, o mais recente no tempo. A memória dos egípcios vai muito mais longe, porque suas terras de localização geográfica privilegiada preservam-nos, quer dos desastres gerados pelo fogo, quer daqueles gerados pela água. Com isso, eles são o povo da memória universal. Sabem que há outras origens antes da origem apontada pelos atenienses. O que estes últimos pensam ser o começo nada mais é do que retorno cíclico ou reedição de algo esquecido, na medida em que o suposto começo é sempre recomeço nas situações pós-cataclísmicas. Segundo os sacerdotes egípcios, portanto, basta haver acesso ao passado para se constatar que os eventos se repetem.

Ademais, no contexto da narrativa, ‘ter acesso ao passado’ equivale a ouvir as histórias e a ler os escritos guardados nos templos egípcios, pois ali se encontram os registros e lastros dessa memória perdida pelos atenienses; que é, aliás, a memória de uma cidade ancestral virtuosa e de uma guerra gloriosamente vencida por seus corajosos cidadãos. Parece que a experiência dos egípcios – o fato de que conhecem esse passado desconhecido de muitos –, torna-os um modelo de sabedoria, mas também de estabilidade³: não há muito de novo sobre a terra, as catástrofes se repetem, com isso repetem-se também as histórias, e, por fim, os egípcios são as testemunhas perenes dessas

² Sólon puxa conversa com os sacerdotes contando as tradições ancestrais que ele conhece, ao que um deles retruca, revelando-lhe que a memória dos atenienses é muito curta (*Timeu*, 22a1-c1). Além disso, o egípcio acrescenta que muitas das histórias atenienses são contadas “sob a forma de um mito” (*Timeu*, 22d1) e devem ser corrigidas por explicações mais sábias e mais precisas, como a que ele próprio fornece, a respeito da variação ocasional dos corpos celestes que gera excesso de fogo na terra – e que em geral é narrado na forma da história de Faetonte, o filho de Hélios que, incapaz de percorrer a rota do carro do pai, lançou fogo sobre a terra e morreu fulminado.

³ Aliás, o papel simbólico do Egito na *República* parece ser similar: ele frequentemente representa a permanência, a estabilidade, a capacidade de salvaguardar tradições, memórias, costumes e leis.

histórias e dessa História. Como se nota, a faceta da repetição como aspecto temporal privilegiado, ligado sobretudo aos desastres naturais cíclicos, predomina nesse trecho introdutório do relato de Crítias.

Degeneração

Todavia, como séculos depois diria Marx, nem sempre a repetição é uma verdadeira retomada do mesmo, pois a História se repete como farsa; muitas vezes ela se renova em espiral descendente em vez de formar um círculo perfeito. Não sei se isso de fato se aplica à famosa sentença de Marx, mas penso que se aplica à continuação do relato de Crítias no diálogo homônimo, onde o personagem reconstrói detalhadamente a organização sócio-política da Atenas do tempo da guerra contra Atlântida – que traz algumas reminiscências da *kallípolis* da *República* (*Crítias*, 112b-e) –, e onde também descreve minuciosamente a origem e o desenrolar da história dos próprios atlantes. O que se fica conhecendo nessa parte do relato é, de um lado, o passado remoto da *polis* heroica que salvou o continente de uma invasão e, de outro lado, o passado remoto do poderoso reino de Atlântida, que havia sido em sua fundação divino e harmonioso (*Crítias*, 114a-115c e especialmente 120e-121c), mas se perdera em insolência descontrolada, por ter se afastado cada vez mais do seu paradigma inicial. Em suma, Atlântida afunda-se em sua própria potência, tomada pela pleonexia: “Mas [os reis] estavam impregnados de uma arrogância [*pleonexia*] injuriosa e de poder” (*Crítias*, 121b6⁴).

A *hybris* dos atlantes, aliás, vai se manifestando aos poucos. Eles aumentam paulatinamente a magnificência, riqueza e monumentalidade de suas obras públicas, tornam-se cada vez mais intervencionistas no que diz respeito à disposição geográfica de suas terras e às construções de sua *polis*, constroem pontes e canais para atravessar pedaços de terra e de mar

⁴ Traduções do *Timeu* e do *Crítias* por Rodolfo Lopes.

(115c-117e); até que, como fora narrado antes no *Timeu*, chegam ao ponto de, transbordando de ambição, voltar-se para as outras *poleis* e invadir o continente. Assim, é provável que não sejam meras coincidências as semelhanças entre Atlântida e uma Atenas da história recente (do ponto de vista da data de composição do diálogo), que também se perdeu em *hybris*, sendo responsável por um imperialismo insolente e por decisões desastrosas ligadas à guerra do Peloponeso. Não são poucos os intérpretes que leem a história de Atlântida como parábola da perdição de Atenas e de sua degeneração ao longo do tempo⁵. De acordo com essa leitura, a Guerra do Peloponeso não deixaria de ser uma espécie de reencenação farsesca da esquecida guerra contra Atlântida⁶. Sendo que desta vez Atenas troca de lugar com o inimigo: Atenas torna-se seu próprio inimigo. Assim, não se trata mais de repetição em sentido estrito. Agora a repetição traz uma diferença marcada pela decadência. Essa segunda perspectiva nos põe diante de um modelo temporal que supõe uma espiral de corrupção. Ou ainda, que revela um aspecto

⁵ Cf. o artigo de Marie-Louise Gill (2016), mas também Dixsaut, 2003, p. 239: “Quando Platão representa para seus contemporâneos o desastre para onde conduzem uma democracia excessiva e um imperialismo naval e comercial, características vizinhas daquelas que conduziram Atlântida à catástrofe, ele transpõe o confronto entre Atenas e Esparta na Guerra do Peloponeso, cuja conclusão sancionou segundo ele a decadência de Atenas.” (Tradução minha). Para uma visão do mito de Atlântida como possível parábola das guerras médicas, ver Vidal-Naquet (2008, p. 34-44). Por fim, para uma excelente e sugestiva relação entre os dois eventos bélicos, ver o artigo de Haddad que defende a identificação do Crítias narrador com o Crítias tirano. Segundo ela: “Causaria um efeito extraordinário que aquele que se tornou tirano após uma malfadada política hegemônica baseada no domínio do mar fosse o narrador de uma história arcaica que trata de uma malfadada política expansionista baseada no domínio do mar. O que está em jogo para Platão e seus contemporâneos é o pós-guerra, as funestas consequências políticas da derrota, em contraste com uma imagem idealizada da cidade que remonta aos tempos da guerra contra os persas, em que Atenas se apresenta como a libertadora das outras cidades, exatamente como a Atenas Arcaica de Crítias, que combate a Imperialista Atlântida.” (Haddad, 2008, p. 7).

⁶ Não estou com isso sugerindo a veracidade do mito de Atlântida, evidentemente. Quero dizer apenas que, se essa leitura procede, Platão teria simbolizado a história da *hybris* ateniense através da história da *hybris* de Atlântida e, no interior de sua simbologia, teria explicado que Atenas se degenerou e acabou caindo no erro contra o qual lutara milênios antes.

entrópico do tempo, marcado pela inevitabilidade da degeneração⁷.

Por conseguinte, além do modelo cíclico da repetição, que a estabilidade e a permanência egípcias evocam na primeira parte do relato de Crítias, tem-se nessa segunda parte o modelo, talvez de inspiração hesiódica, da degenerescência. A seta do tempo pode até ser curva, mas aponta para baixo, pois tudo decai e se afasta cada vez mais de sua *arkhé* modelar, em direção ao declínio. A aparente repetição, nesse caso, não passa de deturpação⁸.

Apagamento

Além dos dois aspectos resumidos, temos na narrativa de Crítias um terceiro modelo temporal que reside na figura do próprio Sólon e dos atenienses (e gregos) que ele representa, caracterizados pelo sacerdote egípcio no *Timeu* como eternas crianças desmemoriadas: “Ó Sólon, Sólon, vós gregos sois todos umas crianças; não há um grego que seja

⁷ Esse aspecto está marcado em passagens tais como, por exemplo: “Mas quando a parte divina neles começou a se extinguir, em virtude de ter sido excessivamente misturada com o elemento mortal, passando o carácter humano a dominar, então, incapazes de suportar a sua condição, caíram em desgraça...” (*Crítias*, 121a9-b2).

⁸ Interessante notar que em *A República* também se encontra presente esse modelo em certas passagens: “Todavia, como tudo o que nasce está sujeito à corrupção...” (*Rep.*, 546a2, tradução de Maria Helena da Rocha Pereira). Assim, até mesmo na *kallipolis* vemos infiltrar-se, apesar de todas as precauções, o germe da discórdia em um mau cálculo matemático que, desqualificando os casamentos, acaba por provocar, ou pelo menos por contribuir para a decadência da *polis*, que agora poderá até mesmo, pouco a pouco, alcançar uma tirania comparável à de Atlântida; e talvez à de Atenas nove mil anos depois da vitória contra aquele império. Mary Louise Gill (2016, p. 41) ressalta esse mesmo ponto: “The Republic describes how, after many generations, the ideal city could degenerate through timocracy and oligarchy to democracy and final tyranny. Degeneration is a recurrent theme in the *Timaeus*–*Critias*: the *Timeaus* ends with an account of the degeneration of unjust and cowardly men first into women and then over generations into various sorts of animals (Ti. 90e1–92c3), and the *Critias* describes the effects of erosion on the land around Athens over long periods (*Critias* 110d5–d8). The *Critias* describes great Atlantis, a city that preserved her self-control for generations and recognized that honoring wealth would diminish one’s virtue (*Critias* 120d6–121a6). But then in the final paragraph of the dialogue, before it abruptly ends, *Critias* tells us that the people of Atlantis over-reached, and as the divine element in them became faint and their human character gained control, they could no longer bear their good fortune and became bloated with unjust greed (*pleonexias adikou*) and power (*dunameos*) (*Critias* 121a7–b7).”

velho’. Ouvindo tais palavras, Sólon indagou: ‘O que queres dizer com isso?’ ‘Quanto à alma, sois todos novos – disse ele. É que nela não tendes nenhuma crença antiga transmitida pela tradição nem nenhum saber encanecido pelo tempo.’ (*Timeu*, 22b8-c1).

O motivo da falta de memória dos atenienses é conhecido: ao contrário dos egípcios, eles não tiveram o privilégio de se proteger das catástrofes. Sua *polis* afogou-se no lamaçal do esquecimento junto com Atlântida, após ter vencido este império na guerra. A enchente que sobreveio, resultado de um sismo seguido de um dilúvio, levou para o fundo do mar toda a ilha de Atlântida, mas também enterrou Atenas e seus valentes cidadãos (*Timeu*, 24d). Apenas uns poucos sobreviveram. Os sobreviventes garantiram uma tênue linha de continuidade, que explica que aqueles homens virtuosos sejam ainda antepassados dos atenienses atuais: “...a mais bela e grandiosa casta de homens, da qual descendes tu e toda a cidade que é agora vossa, por ter restado desse tempo uma pequena semente” (*Timeu*, 23c1-2).

Afora essa pequena semente escondida, nada mais se manteve; tudo foi esquecido, já que os sobreviventes eram simples pastores iletrados e ignorantes (segundo o ponto de vista do sacerdote egípcio), que não souberam guardar nem o registro escrito nem a memória oral dos fatos e das histórias anteriores ao cataclisma (*Timeu*, 23b). Sem tradição ou história, a não ser a mais recente, faltou-lhes também o amadurecimento das técnicas e, sobretudo, das ciências. Por efeito do esquecimento, a roda precisou ser sempre reinventada e isso não lhes permitiu levar muito longe o seu conhecimento. Além disso, inventaram mitos falsos sobre o que não sabiam a fim de substituir a sua ignorância (Casertano, 2010, p. 213). Por isso, de acordo com a perspectiva do sacerdote e de sua descrição de um tempo cíclico, os atenienses são continuamente assaltados pela ilusão do ineditismo, somada aos efeitos nocivos da falta de experiência.

Dessa forma, cada um dos sucessivos cataclismas teve como efeito fazer *tabula rasa* da civilização. Em Atenas, tudo está sempre

recomeçando. Mas não exatamente no sentido de uma repetição, tampouco no sentido de uma semi-repetição decadente e distorcida, e sim no sentido de que todo o passado é zerado. Eles reiniciam a sua história como se antes nada houvesse ocorrido, como se eles se encontrassem subitamente em uma primeira vez. Trata-se, portanto, do modelo do apagamento, que tem como resultado o esquecimento de grande parte das narrativas, dos fatos e da história. Ele tem como características a ingenuidade infantil e a crença em um saber falso. Talvez também a capacidade de recomeçar a partir daquele nada que sempre se instala; ou seja, esse modelo ateniense pode seduzir pelo que ele tem de abertura para o novo e para a criação. Todavia, de um ponto de vista estritamente intrínseco ao texto – e, portanto, ao sacerdote egípcio que conversa com Sólon –, o que se constata é que, a partir de cada recomeço, nada se sabe do que se passou antes, de modo que se carece de um paradigma norteador. Assim, o resultado do apagamento seria algo da ordem de uma imaturidade memorial, que frequentemente anda de mãos dadas com a insolência da ilusão de saber.

Descontinuidade

Por fim, o quarto modelo temporal a ser explorado é fornecido por um outro egípcio, personagem do *Fedro*, provavelmente mais famoso do que os egípcios de Sais do *Timeu*. Trata-se do rei Tamuz, que segundo Sócrates reinou sobre todo o Egito (*Fedro*, 274d2) e para quem, como se sabe, foi apresentada pela divindade Teute uma inovação: a invenção da escrita, ou das letras (*grámmasin*). Esse egípcio de Sócrates, assim como os de Crítias, também louva a memória, se preocupa com a salvaguarda do passado e com a manutenção da história. Porém, discorda dos meios de Teute para fazê-lo. É assim que ele alerta o inventor para os perigos do remédio-veneno que ele acabara de inventar, e anuncia a consequência catastrófica – do ponto de vista da memória – que resultaria do invento. Pois, de acordo com ele, pretendendo fortalecer a

memória Teute criara um modo de negligenciá-la.

A passagem é muito conhecida, mas vale a pena citá-la mais uma vez: “Confiante na escrita, será por meios externos, com a ajuda de caracteres estranhos, não no seu próprio íntimo e graças a eles mesmos, que passarão a despertar suas reminiscências. Não descobriste o remédio para a memória, mas apenas para a lembrança. O que ofereces aos que estudam é simples aparência de saber, não a própria realidade. Depois de ouvirem um mundo de coisas, sem nada terem aprendido, considerar-se-ão ultra-sábios, quando, na grande maioria, não passam de ignorantões, pseudo-sábios simplesmente, não sábios de verdade.” (*Fedro*, 275a5-b4⁹). O sermão do rei Tamuz parece anunciar uma nova relação com a memória que, para ele, é destruidora da verdadeira manutenção do passado, além de gerar consequências nefastas para o estudo e para o conhecimento. Ele sabe que a invenção cria uma situação irreversível e, como um oráculo, prevê a catástrofe que se anuncia (ao menos a seus olhos). Em seu discurso está em causa o impacto de uma técnica, bem como a sua capacidade de originar uma mudança decisiva no curso da história.

Parece que os sacerdotes do *Timeu*, em cujos rolos de papiro o passado se encontrava inscrito, já não se preocupavam com esse *phármakon* inventado por Teute, que a essa altura estava longe de ser uma novidade. Ao contrário, a escrita era tão valorizada por eles, a ponto de que a carência dela, a saber, o iletramento dos pastores atenienses, é apontada como uma das responsáveis pela falta de aprendizado e de memória. No extremo oposto, como sabemos, encontra-se o próprio Egito do *Timeu*, onde “se porventura se tratar de qualquer coisa de belo, grandioso ou de qualquer outra natureza, isso fica escrito nos nossos templos e mantém-se conservado.” (*Timeu*, 23a6). Em todo caso, voltando para o Egito arcaico do *Fedro*, o que o rei Tamuz prevê a Teute é o início de uma nova época, em que toda a relação com o passado e

⁹ Tradução do *Fedro* de Carlos Alberto Nunes.

todo o trabalho de rememoração passarão a estar inscritos sob outra égide. Anúncio de catástrofes ou de mudanças, a depender do ponto de vista, o fato é que a roda do tempo, nesse caso, não gira para trás. O que o rei parece expor é um modelo de tempo marcado por fatos ou eventos consumados, a partir dos quais nada será como antes – e que só ele é capaz de avaliar e anunciar. A dimensão temporal que ele parece supor é de acúmulo, de sucessão, mas também de irreversibilidade. A invenção de Teute está no mundo e ela marca o curso da história à maneira de um acontecimento inédito e desviante. Nesse sentido, os tempos que se sucedem uns aos outros parecem contínuos, até que um evento suficientemente marcante estabeleça neles uma descontinuidade ou ruptura, a partir da qual algo novo se instala definitivamente.

Recapitulação e adendos:

Para recapitular, reorganizar e analisar as características dos referidos aspectos temporais, proponho pensar que a essas quatro versões do comportamento do tempo podem corresponder quatro maneiras de encarar um acontecimento. Todavia, é importante esclarecer que essas relações com os acontecimentos que serão descritas a seguir não são reações necessariamente oriundas dos aspectos temporais acima identificados. São apenas possibilidades vinculadas a eles. Talvez sejam, por um lado, riscos que corremos ao privilegiar excessivamente uma ou outra das dimensões temporais ora descritas. Por outro lado, são também modos complementares de lidar com os eventos, como pesos e contrapesos que se equilibram mutuamente.

1. Ao modelo da *repetição* dos egípcios no relato de Crítias poderia corresponder a ideia de que não há propriamente acontecimentos únicos. Uma vez que se pode escavar o passado e encontrar exemplos de eventos similares aos que presenciamos, isso leva a crer que os eventos atuais apenas espelham, repetem ou reeditam os anteriores, de modo que os fatos são encarados como ocorrências

esperadas. Eles merecem ser registrados justamente na medida em que nos fornecem a certeza da experiência e as chaves para lidar com o que venha a se apresentar. Nesse sentido, acontecimentos são não-acontecimentos, por serem de certo modo conhecidos de antemão, na medida em que retornam ciclicamente no moto-contínuo da história.

2. Ao modelo da degeneração que se extrai do mito de Atlântida poderia corresponder uma visão nostálgica do acontecimento. A ideia de que os fatos só se repetem ao modo da decadência, pois o tempo é entrópico e a humanidade está fadada à corrupção, engendraria, nesse caso, a crença de que os eventos atuais não estão à altura dos eventos anteriores; eles só os repetiriam no modo da deturpação. Nesse sentido, tudo o que se apresenta como acontecimento tende a ser rechaçado em prol da manutenção de um certo estado de coisas supostamente mais próximo de uma origem almejada. Ao contrário do modelo anterior, neste caso os começos seriam identificáveis, e o passar do tempo nos afastaria deles paulatinamente.

3. O modelo do apagamento, ilustrado pela eterna infância dos atenienses atingidos pela falta de lembranças, talvez pudesse ser caracterizado como um modelo duplo, pois parece flertar com os efeitos positivos do esquecimento, que abre espaço para a regeneração. No entanto, o que se ressalta na narrativa são os efeitos nocivos do esquecimento. No relato de Crítias, a carência de memória e o apagamento do passado engendram a negligência com o acontecimento. De acordo com essa terceira relação com os eventos temporais, trata-se de apagar os rastros de um evento; trata-se mesmo de anulá-lo, pois cada um se crê instalado sempre no começo dos começos, como um primeiro desbravador a explorar solos supostamente desconhecidos. Assim, também se trata de ignorar o passado e de recusar-se à elaboração da memória. Do ponto de vista do egípcio que desvenda para Sólon o seu passado, a tentativa de anistiar os acontecimentos seria, na melhor das hipóteses, uma relação de ilusão, imaturidade e ingenuidade para com os eventos; na pior das hipóteses, seria um recalque da história coletiva.

4. Por último, o aspecto temporal que chamei de *descontinuidade* pode corresponder a uma espécie de anunciação e alerta, pois aquele que anuncia supõe reconhecer o ineditismo de certos eventos a partir dos quais se desenrola uma avalanche de resultados decisivos e irreversíveis. O rei Tamuz, em sua anunciação, encara o acontecimento como um marco inaugural ou porta de entrada de um tempo inteiramente novo. Só que, desta vez, não por apagamento ou desconhecimento do passado, mas por descontinuidade, ruptura e contraste. O acontecimento da invenção inovadora de Teute não apaga o que veio antes por anular a sua memória, mas impossibilita a continuidade por um processo de substituição. O novo contrasta com o antigo tornando-o, não propriamente esquecido, mas obsoleto. É nesse sentido que a anunciação do rei Tamuz constitui um alerta contra a obsolescência de uma tradição memorial ameaçada pela adesão irrefletida a um novo paradigma. Sem esquecer, evidentemente, que os egípcios de Sais, talvez seus descendentes, mostram que novas relações se estabelecem e novas tradições se criam.

Conclusão

Para concluir, acrescento uma quinta perspectiva sobre o tempo que se pode extrair do mesmo contexto onde fala Crítias. Trata-se da perspectiva do próprio Platão-autor, quando inventa para Atenas uma nova memória e um inimigo (e junto com ele toda uma fictícia localidade geográfica com a sua própria história), fazendo sua personagem – o Crítias narrador – empregar códigos linguísticos típicos

de Tucídides e mencionar episódios das *Histórias* de Heródoto¹⁰ a fim de operar no limiar estreito entre o mito e a história. De algum modo, na construção do mito de Atlântida e do passado ateniense, Platão utiliza procedimentos literários para de um só golpe historicizar uma ficção e ficcionalizar elementos históricos¹¹.

Essa quinta perspectiva, portanto, acontece em um plano literário e talvez meta-narrativo, o que lhe subtrai a posição de um quinto modelo ao lado dos outros, por atravessá-los. Ao mesmo tempo, esse atravessamento também ilumina, nos quatro modelos anteriores, sua condição de perspectivas literárias. As percepções do tempo e o estatuto histórico descritos sob as rubricas da repetição, da degeneração, do apagamento e da descontinuidade, tornam-se elaborações discursivas¹². Ademais, a fala de Crítias permite a Platão inventar um passado para Atenas que é igualmente um diagnóstico do presente e do passado

¹⁰ No que tange aos códigos linguísticos tucididianos, temos especialmente a expressão formular do discurso histórico: *megala kai thaumasta*, ou seja, grandes e admiráveis [feitos], em *Timeu*, 20e10, 21d4, 24d9; mas também uma série de referências a Heródoto que estão listadas nas notas da tradução de Rodolfo Lopes. Ademais, é possível verificar a insistência em declarar a veracidade dos fatos narrados, como em *Timeu*, 20e1 26d1-5, 26e7, o que remete de novo à *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides. Quanto a isso, ver também Haddad (2008, p.12). No diálogo *Crítias*, que dá continuidade ao início do *Timeu* e aos relatos feitos ali, o vocabulário será preferencialmente o da evocação às Musas (d3) e da verossimilhança, requisito de um discurso forçosamente inexato por sua natureza e objeto, ou seja, um discurso cujos detalhes não sabemos se procedem com exatidão. Ainda sobre a relação do texto do *Timeu* com Heródoto e com Tucídides, cf. Pierre Vidal-Naquet (Vidal-Naquet, 2008) e Nicole Loraux (Loraux, 1994).

¹¹ A ficção é repleta de códigos históricos e, inversamente, as personagens do diálogo fictício são personalidades históricas. Para uma exploração minuciosa do caráter histórico, político e filosófico das personagens, cf. Haddad (2008).

¹² Agradeço ao parecerista anônimo por esta última observação relativa ao estatuto diferenciado da quinta perspectiva, e ao que ela oferece de possibilidade para analisar tempo e História como construções discursivas. Sem dúvida alguma, esse ponto mereceria ser discutido e desenvolvido. Guardo o desenvolvimento para oportunidade futura.

recente, mas pode ser também um projeto de futuro¹³. Sua pseudo-memória é uma *composição* ativa. Ele cava o buraco do inconsciente e do passado, evocando membros da sua família como Crítias e Drópidas, e ao mesmo tempo fabrica uma história para esse passado com os elementos da memória afetiva, individual e coletiva, tecendo a História com histórias e matando o pássaro de ontem com a pedra na qual escreveu hoje.

¹³ “O relato de Crítias junta-se nesse sentido ao *Menexeno*, só que não se trata mais de uma paródia que serve para denunciar a falsificação inerente a toda oração fúnebre, trata-se de uma ‘ficção verossímil’. Ele tem por finalidade persuadir os atenienses de que a reforma proposta não passa de um retorno da sua cidade à sua verdade originária: assim, a crítica é ao mesmo tempo um elogio.” (Dixsaut, 2003, p. 239, tradução minha). “Uma história contada sempre dentro da família continuou em família. Ele, Platão, é o último elo de sua transmissão. Esse jogo que brinca com os limites da ficção levou alguns intérpretes respeitados a acreditarem que, de fato, a narrativa de Crítias foi uma história que Platão ouviu e ingenuamente e com exatidão escreveu depois. A ideia de uma escolha deliberada do personagem Crítias, portanto, nos serve, também, para a defesa de que Platão compôs uma narrativa reformadora da história ateniense.” (Haddad, 2008, p. 12)

Referências Bibliográficas

- PLATÃO. *Timeu, Crítias*. Tradução, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.
- PLATÃO. *República*. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.
- PLATÃO. *Fedro*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2007.
- CASERTANO, G. *Paradigmas da Verdade em Platão*. Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- DIXSAUT, M. *Platon*. Paris: Vrin, 2003.
- GILL, M.-L. *Plato's Unfinished Trilogy: Timaeus–Critias–Hermocrates*. In: CORNELLI, G. *Plato's Styles and Characters. Between Literature and Philosophy*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2016. p. 33-46.
- HADDAD, A. *O narrador da história de Atlântida e seus ouvintes*. Revista Litteris, v. 1, p. 1-14, 2008.
- LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*.
- LORAUX, N. *Invenção de Atenas*. Tradução de Lilian Valle. São Paulo: Editora 34, 1994.
- VIDAL-NAQUET, P. *Atlântida*. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Editora UNESP, 2008.